

Vik Muniz (1961-): a percepção íntima da arte através de Andy Warhol (1928-1987)

Elaine Cristina Senko¹

Resumo: As obras de Vik Muniz perpassam uma variedade de influências da arte contemporânea, que vão desde a Pop Art até a Land Art. O artista brasileiro é considerado um profissional de intensa produção e faz um interessante diálogo entre o público e sua obra. Nesse artigo apresentaremos um panorama da importância da ação artística de Vik Muniz com um foco especial em sua obra acerca de Jackie Kennedy. Além disso, Vik se apresenta como um artista que utiliza muito da poética para descrever suas próprias obras – fato que, aliás, é percebido quando estamos observando suas criações artísticas. A experiência contemporânea permite a um artista como Vik Muniz desenvolver suas habilidades artísticas no sentido de aproximar o público de sua arte através de um hibridismo. Este hibridismo é moldado pela reutilização de substâncias e objetos com o propósito de uma re-significação da produção da arte de Andy Warhol.

Palavras-chave: Vik Muniz; Pop Art; Andy Warhol

Abstract: The work of Vik Muniz permeate a variety of influences from contemporary art, ranging from Pop Art to Art Land. The brazilian artist is considered a professional production of intense and makes an interesting dialogue between the public and his work. In this paper we present an overview of the importance of artistic action by Vik Muniz

¹ Doutoranda e Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História UFPR/NEMED. Curitiba-Paraná, Brasil, elainsesenko@hotmail.com.

with a special focus on his work about Jackie Kennedy. Moreover, Vik is presented as an artist who uses a lot of poetry to describe his own works - a fact which, incidentally, is perceived when we are watching their artistic creations. Contemporary experience allows an artist Vik Muniz to develop their artistic skills in order to bring the audience closer to his art through a hybridity. This hybridity is shaped by the reuse of objects and substances for the purpose of a redefinition of art production of Andy Warhol.

Keywords: Vik Muniz; Pop Art; Andy Warhol

Introdução

Vik Muniz (1961 -) nasceu em São Paulo e iniciou sua carreira nos anos de 1970, mas somente vinte anos mais tarde é que ele foi reconhecido, primeiramente nos Estados Unidos e depois no Brasil, como um artista representativo da arte contemporânea. O estopim de sua fama foi a série Crianças de Açúcar, na qual Vik nos apresenta desenhos de crianças caribenhas feitas de açúcar. Quando Vik expôs essa série em Nova York numa galeria de arte pequena, por lá estava Charles Haggan (crítico de arte da revista New York Times). Haggan fez uma resenha acerca de Vik Muniz, a qual foi bem recebida pelos museus Metropolitan of Art e Guggenheim. Logo em seguida, o Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) convidou Vik Muniz para participar de uma exposição de fotografias.

O artista escolhido para o presente estudo foi Vik Muniz, o qual esteve com uma exposição em Curitiba (PR) no Museu Oscar Niemeyer (19 de novembro de 2009 a 28 de fevereiro de 2010, nas salas do MON: Frida Kahlo e Miguel Bakun). A exposição continha 200 imagens que pertencem ao período de criação artística de Vik de 1988 até 2008. Essa mesma mostra já esteve nos EUA (Miami), Canadá e México. No Brasil, já esteve no Museu de Arte de São Paulo (MASP) e no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM). A mostra do artista plástico e fotógrafo Vik Muniz no MON tem a curadoria do próprio artista e apresenta suas obras seguindo uma ordem cronológica de sua carreira. No local tínhamos as fotografias das composições de Vik, as quais possuíam como característica a re-significação da imagem. O referido artista montou muitas de suas obras, expostas no MON, em seu ateliê no Brooklyn (Nova York). Sabemos dessas informações por conta de minha própria formação como monitora no MON (2008-2010) e como aluna de aulas de História da Arte com a Professora Doutora Rosane Kaminski na UFPR (2009), oportunidades os quais contribuíram para minha *humanitas*.

Uma das grandes influências de Vik Muniz – evidente nessa exposição no MON – são as obras e o pensamento de Andy Warhol (1928-1987). A repetição de imagens e o recurso da transformação material da imagem de ícones populares são muito explorados nas obras desta exposição de Vik Muniz. Os materiais por ele utilizados são, por

exemplo, chocolate, diamantes – por exemplo, para delinear a representação de Elizabeth Taylor -, macarrão, pó, pasta de amendoim, geléia, “ketchup”, lixo reutilizado, papel picado, quebra-cabeças, caviar e brinquedos. Vik Muniz utiliza todos esses materiais e os transforma em imagens, os quais logo depois fotografa.

Desse modo, diante das obras do artista Vik Muniz expostas no MON em 2009/2010, concentraremos nosso foco buscando especialmente refletir de que modo sua produção pode se relacionar ao contexto crítico da história da arte contemporânea.

Os aspectos híbridos da arte contemporânea

Vik Muniz surpreende o público de suas exposições pela inusitada constituição material de suas obras. Assim, podemos entender que Vik, artista brasileiro inserido na arte contemporânea, explora o caráter híbrido de suas composições. De acordo com isso, Agnaldo Farias em sua obra *Arte Brasileira Hoje* explica essa concepção da arte atualmente desenvolvida:

A arte contemporânea nasce como resposta ao esgotamento desse ensinamento da arte, com as modalidades canônicas – pintura e escultura – explorando-se, investigando-se suas naturezas até o avesso. Entre os índices – e são tantos! – desse esgotamento, figuram desde o retorno de questões e fórmulas antes vistas ultrapassadas – a pintura e a escultura figurativas, de conteúdo político, mitológico etc. – até o florescimento de

expressões híbridas, quando não inteiramente novas, como as obras que oscilavam entre a pintura e a escultura, os happenings e as performances; as obras que exigiam a participação do público; as instalações; a arte ambiental etc. (FARIAS, 2002, p.15-16).

Isso demonstra que a arte contemporânea apresentou um processo (meados dos anos de 1950 até hoje) que rompeu com a arte moderna tradicional. Segundo Farias, os artistas, em particular os dos anos 90, presenciaram uma crise ou fim da arte moderna:

Finalmente, estão os artistas da década de 90, encerrada há pouco, cujas obras em construção confirmam a sensação de uma crise aguda ou mesmo do fim da arte moderna. Obras que se opõem ao projeto de uma linguagem universal e da busca metódica da novidade pela ruptura, que irrompem numa miríade de poéticas originárias das mais diversas matrizes: das que mergulham em referências históricas e pessoais àquelas que parodiam a própria arte e o círculo na qual ela está enredada; das que criticam a idéia de autonomia da arte, preferindo abandonar os suportes convencionais – pintura, escultura etc. – em favor de manifestações híbridas, àquelas que descartam as respeitáveis heranças do neoconcretismo, buscando outras fontes, do barroco mineiro à arte popular, do debate sobre o problema da imagem na vida atual à especulação sobre o corpo e suas pulsões (FARIAS, 2002, pp.18-19).

Dentro dessa concepção de novas formas de arte contemporânea, uma das primeiras que surgiu, já nos anos de 1950, foi a chamada Pop Art. Conforme Charles Harrison e Paul Wood, entre os anos de 1950 e

1960 surgem maneiras de se fazer arte que são depreciadas ou marginalizadas pela arte dita Moderna. Portanto, a Pop Art seria uma dessas formas de se criar arte que era menosprezada pela arte Moderna:

(...) As formas da chamada Arte Pop predominantes na Inglaterra a partir do final dos anos 50 e em Nova York a partir do início dos anos 60 são todas figurativas, embora sua iconografia seja tipicamente de segunda mão. Em outras palavras, essas imagens derivam do mundo da propaganda, de histórias em quadrinhos, do cinema e de outras formas de publicação de massa, nos quais figuras, objetos, paisagens etc. já receberam um sentido de representação (HARRISON; WOOD; 1998, p.181).

Harrison e Wood ainda apontam que os artistas da Pop Art como Andy Warhol e Roy Lichtenstein eram representativos da cena artística já na década de 1960, mas foram criticados por Clement Greenberg como “arte novidadeira”. Apesar disso, o olhar criador da Pop Art permaneceu e foi referência para grande parte dos novos artistas contemporâneos. Segundo Michael Archer, as técnicas utilizadas na Pop Art – produtos que se tornam matéria-prima para a arte, repetição de ícones multicoloridos (Warhol) e o desenho animado (Lichtenstein) – eram um meio de enfrentamento dos artistas pertencentes a esse novo olhar sobre a arte perante os seus críticos:

No que diz respeito aos temas da Pop Art, sua própria banalidade era uma afronta a seus críticos. Sem uma evidência mais clara de que o material havia passado por algum tipo de

transformação ao ser incorporado à arte, não se podia dizer que a própria arte oferece qualquer coisa que a vida já não proporcionasse (ARCHER, 2001, p.11).

Archer afirma que para Warhol nos anos 60 a utilização de séries repetidas de imagens estava ligada a como nós vemos também outras imagens e objetos – como aquelas que observamos na televisão e nos filmes do cinema, ou seja, imagens em movimento. À partir disso, podemos lembrar que a sociedade contemporânea também vive o ambiente do consumo intenso de novos produtos e pela consagração de ícones da cultura popular pela mídia. É esse panorama que influenciou Warhol e através dele Vik Muniz.

O olhar de Andy Warhol deve ser colocado dentro de uma perspectiva em que ele foi o promovedor mais acessível para o entendimento do multiculturalismo existente na sociedade americana a partir dos anos 60. Os trabalhos artísticos de Andy Warhol contribuíram para a crítica sair da esfera de análise conservadora sobre a ação efetiva da Pop Art e o que ela, segundo seu artista representante, gostaria de mostrar. No caso de Warhol seria expor a sociedade de consumo americana, mas ele não deixou a questão se fechar sobre si mesma. A sociedade americana contemporânea foi o combustível que Warhol se utilizou por meio do objeto produto para escancarar uma realidade próxima que não era apenas os modelos de Marilyn Monroe nem Elvis Presley. O consumismo apontado por Warhol estava vinculado a uma

ideia de morte. Se o artista usou personagens populares e embalagens de produtos para sua análise muito se deveu a sua perspectiva diversa: o óbvio não era sua prática corrente.

Na teia social analisada por Warhol – artista inspirador para Vik Muniz - podemos inferir segundo Honnef que a televisão nos Estados Unidos foi um meio político e continua sendo atualmente:

La televisión, esa máquina de ficción en apariencia documental, demostró por primera vez su poder con motivo del duelo dialéctico ante la cámaras de los dos candidatos a la presidencia, Kennedy y Nixon; si bien sigue siendo dudosa la influencia que tuvo aquel show político sobre la decisión de los americanos en las elecciones presidenciales. A partir de este hecho histórico en los medios de comunicación, la televisión comenzó a desempeñar un papel esencial en todas las campañas electorales del mundo. Sobre todo en los Estados Unidos donde el candidato político debe ser telegénico si quiere tener perspectivas de éxito (HONNEF, 2000, p.10-11).

Nesse momento dos anos 60, Warhol procura por novas soluções para a arte, cultura e política em território estadunidense, principalmente na cidade de Nova Iorque. O despertar cultural foi promovido dessa forma pelo governo de John F. Kennedy enquanto o espaço político estava envolto pela Guerra Fria. Esse período da Guerra Fria influenciou o pensamento político de Warhol, desde a Guerra da Coreia (1950-1953) e a ação estadunidense na catástrofe da Guerra do Vietnã (1963-1973). Inspirado no conflito armado da Coreia, Warhol

retratou por meio de sua arte a imagem de Mao Tsé-Tung somente em 1972. No entanto vale lembrar a política de Mao para entender Warhol: em 1920 Mao Tsé-Tung foi um dos fundadores do Partido Comunista Chinês (PCC) e durante a Revolução Cultural de 1966 (ano da criação da República Popular da China por Mao, que governou até sua morte em 1976) ocorreu a destruição das tradições culturais chinesas. Porém na década de 1970 a China reatou relações estritamente comerciais com os Estados Unidos. Warhol quando retratou em 1972 Mao era uma forma de protestar contra a falta de liberdade de opinião e de pensamento dessa política chinesa, pois essa abertura econômica inevitavelmente colocou em questão a visão de princípios díspares, mas a arte não prevê restrições.

A Pop Art desenvolvida por Andy Warhol pertencia a uma idéia de auto-avaliação da identidade nos Estados Unidos. As mudanças históricas estavam presentes na sociedade americana, pois a maioria dos países do continente estava reavaliando sua idéia de nacionalidade, segundo a professora no departamento de artes plásticas da ECA-USP Sônia Salzstein, em seu artigo *Astúcia e Inocência*:

Mas, se a idéia de uma arte vitoriosamente dissolvida na instância da cultura estava na ordem do dia naquela década, é improvável que o meio de arte, com os olhos voltados à pop, ignorasse o estoque explosivo de contradições ideológicas que havia municiado essa idéia na produção artística mais radical da década de 1960, e que instigara tanto a espécie de realismo maligno de Andy Warhol como a revolta romântica de Guy

Debord e dos situacionistas, para não mencionar o transe de deboche e fetichismo consumista vivido nos trabalhos de Antonio Dias do período ou ainda a hiperbólica aventura dos tropicalistas brasileiros, de fusão de cultura de massa e tradições nacionais, da qual haviam resultado refinados e violentos constructos poéticos, da mais pura ambigüidade ideológica. Que tipo de arte, portanto, nas entrelinhas se estava prescrevendo a um público que se queria poupar das penosas mediações dos processos cognitivos, e que espaço público era aquele que, em nome das novas parcerias globalizadas, demovia a presença de formações históricas longamente decantadas, entre elas as formações nacionais? (SALZSTEIN, 2006, p.3).

Warhol possuía então uma visão aguçada da situação política estadunidense e era membro dessa corrente social latente que depois de meados do século XX intercambiava entre os efeitos da publicidade e do consumo. A Pop Art de Warhol patrocinou um exemplo que surgiu de suas próprias convicções: a liberdade de consciência. Ao contrário de uma historiografia tradicional, a Pop Art deve ser desmistificada no sentido de que ela foi um movimento artístico que exprimia valores, costumes e críticas a uma sociedade como a norte-americana. Warhol estava imerso nesse contexto e como fonte histórica deixou o legado de sua arte. Segundo uma nota do artigo da professora Salzstein, podemos ter uma visão dessa conjuntura através das palavras ditas pelo próprio Warhol:

E o artista prossegue: "Comecei como um artista comercial e pretendo acabar como um artista de negócios. Depois de ter feito essa coisa chamada 'arte', ou o que quer que seja isto,

entrei para o ramo da arte de negócios. Eu queria ser um Homem de Negócios da Arte ou um Artista dos Negócios. Ser bom em negócios é o tipo mais fascinante de arte"; cf. Andy Warhol. *The philosophy of Andy Warhol* (from A to B and back again). San Diego: A Harvest Book, s.d., p. 92. O capítulo "Work", do qual se extraiu a citação acima, contém outras passagens não menos provocantes: "Então, fui baleado em meu escritório: Andy Warhol Enterprises. (...) Um entrevistador me fez várias perguntas sobre como eu administrava meu escritório e eu tentei explicar-lhe que não era eu, mas ele, realmente, que me administrava (SALZSTEIN, 2006, p.9).

A expressão adotada por Honnef de "tigre social" para denominar Warhol é propícia para entender a ação efetiva desse homem social estadunidense de múltiplos enleios, como o é a própria Pop Art:

Sin embargo, su aparente estrategia artística contenía rasgos subversivos, ya que desenmascaraba los mecanismos ocultos de la moderna sociedad industrial, consumista y del ocio; así como aquellas relaciones que sólo se descubren tras un análisis profundo. [...] Con Warhol termina la época del arte burgués, puesto que con la exigencia de autonomía cae también el concepto del arte antes dominante (HONNEF, 2000, p.93).

A Pop Art e a ação de Andy Warhol, um dos representantes mais expressivos do movimento, contribuem de forma intensa para um melhor entendimento da dinâmica cultural, social e política dos Estados Unidos da América do século XX. O olhar crítico muitas vezes renegado como prática desses artistas é rechaçado por uma produção

que por meio de análises das obras da Pop Art não buscam o descaso, e sim uma ação que observa e transmite através da História um período de agitações, no caso de Warhol, do território estadunidense. E é isso exatamente que Vik Muniz deseja resgatar.

Vik Muniz apresenta em sua mostra no Museu Oscar Niemeyer uma releitura da obra *Four Jackies* (1964) do mais conhecido artista da Pop Art, Andy Warhol. Quando Warhol realizou a série “Jackies” foi com base em um pensamento que procurava a relação entre celebridades e a morte, caso contrário de Vik, que na obra aqui analisada traz ao espectador outra visão dessa personagem: uma série de retratos fotografados da figura de Jackie Kennedy feitos com “ketchup”, nos remetendo muito mais ao cotidiano norte-americano. A obra *Jackie Kennedy* (1999 – cibachrome print) tem sua composição formal composta por uma seqüência de expressões do rosto de Jackie. A descrição formativa das fotografias é que elas foram feitas tendo por base uma composição feita em “ketchup”. A interpretação do tema sugere um evento histórico vivido pela esposa do presidente norte-americano, John Kennedy. Quando de um jantar em Paris, Jackie pediu um prato luxuoso que competia a alguém de sua posição política-social, mas logo em seguida retornou o pedido ao garçom, pedindo à ele que trouxesse “ketchup” para que ela pudesse colocar sobre a comida. Este evento deixou o gourmet do restaurante parisiense enfurecido, mas bem

demonstra um costume da culinária norte-americana, em que existe o consumo intenso deste produto.

Vik Muniz alia a esta interpretação a utilização de um produto, no caso o “ketchup”, para aproximar o espectador de sua obra, o que causa inicialmente um estranhamento. No entanto, conforme somos informados do evento com a personagem podemos entender o porquê da utilização da referida substância na obra. Mas devemos atentar que a construção da obra pertence a uma releitura feita por Vik de um trabalho anterior de Warhol, e também que os conceitos propostos pela Pop Art são influência marcante no artista brasileiro.

Conclusão

A abstração mimética também pertence ao pensamento criativo de Vik Muniz, pois ela atravessa o sentido arquitetado também pela Pop Art. De acordo com Ronaldo Brito, “a inteligência Pop é de ordem mais Abstrata do que a maioria da arte dita abstrata, presa já às Figuras de Abstração” (BRITO, 2001, p.201). Vik, por sua vez, conseguiu em sua exposição no MON (2009/2010) demonstrar toda uma série de observâncias na arte desde a utilização da abstração, perpassando o minimalismo e a preponderância da Pop Art em sua carreira.

A série de “Jackie Kennedy” (1999) produzida por Vik Muniz nos mostrou a possibilidade de releitura da obra de Andy Warhol e a

interferência nessa releitura pelo posicionamento inovador de Vik quando da utilização de substâncias inusitadas na formação da obra. Esse movimento de Vik parece dar continuidade ao pensamento de Warhol, mantendo a idéia de repetição, mas criando uma nova aproximação entre o público e a obra/artista através dos sentidos humanos.

Referências

ARCHER, Michael. O real e seus objetos. In: **Arte contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, pp. 1-59.

BRITO, Ronaldo. O Moderno e o Contemporâneo (o novo e o outro novo). In: BASBAUM, Ricardo (org). **Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001, pp. 202-215.

CASTELLANO, Melissa. “VIK Inusitado”. In: **Museu Oscar Niemeyer em Revista**. Curitiba, nº12, Ano 3, Novembro de 2009. pp.48-52.

FARIAS, Agnaldo. Arte contemporânea: notas sobre uma noção. In: **Arte brasileira hoje**. São Paulo: Publifolha, 2002, pp. 13-20.

HARRISON, Charles e WOOD, Paul. Modernidade e modernismo reconsiderados. In: **Modernismo em disputa: a arte desde os anos quarenta**. São Paulo: Cosac & Naify, 1998, pp. 170-256.

HONNEF, Klaus. **Andy Warhol (1928-1987): El arte como negocio**. Madrid: Taschen, 2000.

SALZSTEIN, Sônia. **Pop Art: Astúcia e Inocência**. São Paulo: CEBRAP, 2006.

Site pesquisado:

<http://www.vikmuniz.net/> (Acesso em 28/04/2012)

Imagens



Jackies (1999) de Vik Muniz

In:

http://www.elise.com/weblog/archives/000297nyc_-_vik_muniz_the_armory.php (Acesso em 28/04/2012)



Four Jackies (1964) de Andy Warhol

In:

http://www.artnet.com/galleries/artwork_detail.asp%3FG%3D%26gid%3D972%26cid%3D165401%26which%3D%26aid%3D17524%26wid

%3D425980358%26source%3Dexhibitions%26rta%3Dhttp://www.artnet.com&docid=YWNPwM4wWoK7EM&itg=1&imgurl=http://images.artnet.com/artwork_images/972/508830.jpg&w=385&h=480&ei=YmmcT6m1CIXFtgi3vmmBA&zoom=1&iact=hc&vpx=219&vpy=164&dur=2719&hovh=251&hovw=201&tx=111&ty=130&sig=107024896288658293838&page=1&tbnh=134&tbnw=107&start=0&ndsp=21&ved=1t:429,r:1,s:0,i:70 (Acesso em 28/04/2012)